

fundamento das matemáticas (1), oscilação curiosa, que documenta a nossa afirmação. Esta atitude está de resto perfeitamente definida na seguinte frase: «a matemática, unida a uma certa introspecção psicológica, retoma à sua conta os fins da metafísica».

E' com efeito, particularmente fecunda, segundo creio, sob o ponto de vista filosófico, a investigação conjugada da matemática e da psicologia.

Esta cópula permite, por seu turno, abordar sob um mais claro ângulo o estudo da construção psicológica da metafísica, não só pelos elementos e pontos d'apoio que fornece, como pelas bases de comparação que nos oferece. A construção histórica das matemáticas fornece, com efeito um contraste singular bem conhecido com a construção das metafísicas: — e a matemática foi sempre a fascinação do metafísico. A objectivação do pensamento, gerado nas estruturas inconscientes, é um dos factos capitais quer da filosofia quer da psicologia: uma parte dos problemas que inquietam o espírito humano no campo da reflexão gira em volta d'este facto.

* * *

A natureza lógica da Metafísica está hoje perfeitamente esclarecida; resulta directamente do Princípio de Schlick (2), que é um dos fundamentos do Empirismo Lógico. Por outro lado a análise logística e lingüística contemporânea dissecou completamente os conceitos e os problemas metafísicos, pondo a nú a vacuidade do seu conteúdo (3).

Resulta de todo êste conjunto de investigações que as antigas atitudes adoptadas

para com a Metafísica, segundo as quais a Metafísica e seus problemas eram falsos ou verdadeiros, é inteiramente errada; porque a Metafísica é, não falsa ou verdadeira, mas destituída de conteúdo.

Assim, a filosofia científica contemporânea eliminou a Metafísica, depois de ter absorvido o que dela podia aproveitar-se; e a filosofia passou a ser integralmente científica.

Esta eliminação da Metafísica não exclúe, porém, a Metafísica como objecto, isto é, como facto histórico e psicológico. Da mesma forma que ela serviu de objecto para a análise lógica, assim deve servir d'objecto para a análise histórica e psicológica. Se, no campo puramente lógico e lingüístico podemos hoje eliminar a Metafísica pura e simplesmente, sem termos que nos preocupar com mais nada, o mesmo não sucede n'outros campos, seja porque ela é um facto, seja porque ela é função da própria maneira de ser do espírito humano.

Por essa razão propuzemos, em artigos precedentes, dividir a classe das pseudo-proposições de Carnap, em duas sub-classes, uma sem sentido psicológico e outra com sentido psicológico.

Mostrámos já que tal divisão é uma necessidade pelo menos actual, não só para o pensamento comum e literário, para o pensamento poético e pitoresco, mas também para a análise científica, quando considera a Metafísica como objecto histórico ou psicológico.

Retomemos pois a questão, abordando o estudo da Metafísica como objecto psicológico, e, neste campo, dirigindo a atenção para os processos psicológicos constructivos da Metafísica que nos parecem fundamentais.

Passagem ilegítima ao Limite

Entre os processos psicológicos típicos do espírito humano há um que já em 1915 (4)

(1) Gonthier, «Les fondements des Mathématiques».

(2) Schlick, ver os trabalhos d'este autor publicados nas «Actualités Scientifiques».

(3) Rudolf Carnap, «L'ancienne et la nouvelle logique»; «La Science et la Métaphysique devant l'analyse logique du langage», «Le problème de la logique de la Science».

(4) Abel Salazar, «Ensaio de psicologia filosófica», Porto, 1915.

nos esforçamos por pôr em relêvo. Êsse processo é a possibilidade de repetição indefinida do mesmo acto mental. Podemos no campo da intuição traçar um segmento de recta com certas dimensões; traçar quatro riscos, com mais dificuldade cinco, sendo seis já impossível; mas podemos, em seguida, afastar êsses elementos do campo mental, e continuar indefinidamente o processo. Êste indefinidamente aparece-nos como um dado imediato, de empirismo